

MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO

Histórias de santas

Coleção **CIDADÃOS DO REINO**

- *Francisco que está em você (O)*, Wilson João Sperandio
- *José no mistério da encarnação: aspectos teológico-pastorais para a paternidade responsável*, Marcionei Miguel da Silva
- *Mônica: uma mulher forte*, Hylton Miranda Rocha
- *Mulheres à frente de seu tempo: histórias de santas*, VV.AA.
- *São Jorge, o santo guerreiro: história e devoção de um santo muito amado*, Jerônimo Gasques
- *São José: o lírio de Deus*, Jerônimo Gasques
- *Um coração inquieto*, Hylton Miranda Rocha

VV.AA.

MULHERES À FRENTE DE SEU TEMPO

Histórias de santas



Título original: *Donne e moderne. Storie di Sante.*
© 2014 Centro editoriale dehoniano.
ISBN 978-88-10-55827-0

Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*
Tradução: *Paulo Ferreira Valério*
Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*
Capa: *Raquel Ferreira Cardoso*
Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

VV.AA.

Mulheres à frente de seu tempo: histórias de santas / VV.AA.; prefácio de Ritanna Armeni. – São Paulo: Paulus, 2017.
Coleção Cidadãos do reino.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-349-4519-6

1. Biografias cristãs 2. Mulheres - Biografia
3. Santas cristãs - Biografia I. Armeni, Ritanna II. Título III. Série.

17-00981

CDD-270.0922

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres cristãs: Biografias: Cristianismo 270.0922



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos
e nossas promoções: **paulus.com.br/cadastro**
Televenda: **(11) 3789-4000 / 0800 16 40 11**

1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 – São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700 • Fax: (11) 5579-3627
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4519-6

PREFÁCIO

Ritanna Armeni

Nas páginas que se seguem, o leitor encontrará os perfis de mais de vinte santas, publicados em “Donne Chiesa Mondo” [Mulheres Igreja Mundo], encarte mensal de *L’Osservatore Romano*. Estudiosos e estudiosas, escritoras e escritores, historiadores e historiadoras, jornalistas, fiéis e leigos, todos nomes de inquestionável prestígio, narram a vida de uma santa com a qual tiveram um relacionamento especial de conhecimento, de fé, de estudo. Os perfis colocam em realce suas diferenças e particularidades, sua relação especial com a fé.

Daí emerge um afresco extraordinário e inesperado. Esses retratos, livres no estilo, nos tons e na escritura, rompem, de fato, muitos dos lugares-comuns que afligiram a história das mulheres — e, portanto, também das santas —, colocando-as novamente como protagonistas na história da Igreja e retificando alguma injustiça praticada contra elas, a começar pelo reconhecimento de sua vulnerabilidade.

Com efeito, os casos de santidade feminina, embora numerosos — ultrapassam os 1.500, mais do que o calendário pode conter —, são, no entanto, uma minoria em relação aos mais de 9.000 casos de santidade masculina. É quase certo que, durante muito tempo, a santidade feminina tenha sentido a força negativa

do estereótipo: apareceu ligada a uma função de serviço, ainda que sublime, a uma obediência carente de consciência, a uma abnegação absoluta e natural. Ou somente à concretitude do relacionamento com os corpos, ao trabalho humilde e cotidiano. Narrando as santas, frequentemente se valorizaram qualidades e virtudes importantes, descartando-se outras, igualmente importantes, e certamente presentes em sua vida e em seu caráter, como a coragem, a sabedoria, a liberdade.

Os retratos aqui publicados dão uma guinada, mostram rostos inéditos, trazem à luz aquelas virtudes que até agora não têm sido completamente visíveis. As santas já não aparecem — como muitas vezes se quis apresentar — quais protagonistas de um mundo antigo, representantes de virtudes incapazes de convencer o mundo de hoje, mas como intérpretes importantes da modernidade.

De maneira poderosa, manifesta-se sua sabedoria, sua capacidade de dar à Igreja amor e intelecto, de estimular a renovação da doutrina, de criar novas modalidades de expressão da fé. Nesses perfis aflora uma sabedoria diferente que, de resto, a Igreja reconheceu, dando a quatro dentre elas o título raro e solene de “doutoras”: Teresa de Lisieux, a quem João Paulo II reconheceu “a ciência de um amor divino”; Hildegarda de Bingen, que — disse Bento XVI —, “em sua vontade de pertença total ao Senhor, sabe envolver seus dotes humanos incomuns, sua aguda inteligência e sua capacidade de penetração nas realidades celestes”; Teresa de Ávila, cuja doutrina — afirmou Paulo VI — “resplandece dos carismas da verdade, da conformidade com a fé católica, da utilidade para a erudição das almas”; Catarina de Sena, cuja “sabe-

doria infusa, ou seja, a lúcida, profunda e inebriante assimilação das verdades divinas e dos mistérios da fé contidos nos livros sagrados do Antigo e do Novo Testamento” , o mesmo Paulo VI elogiou.

Ao lado delas, encontramos a sabedoria simples de Isabel, mulher comum e extraordinária, a quem, em idade tardia, foi dada uma gravidez e que, consciente da graça recebida e cheia de gratidão, afastou-se do mundo para melhor acolhê-la.

Mulheres cultas, mulheres sábias, portanto, mas também mulheres livres. De uma liberdade especialíssima, que não padece condicionamentos, porque expressão direta da vontade divina, e que, por conseguinte, supera os lugares-comuns, é capaz de grandes batalhas e é vivida frequentemente de modo potente e grandioso.

Expressão plena dessa liberdade é Clara, que, desagregando os poderes e as hierarquias, pretendeu ser pobre, embateu-se contra a Igreja corrupta, sem deixar um instante sequer de pertencer-lhe, e construiu para sua fé um caminho autônomo que até mesmo os pontífices tiveram de reconhecer. Como muitas protagonistas deste livro, não se deixou impor obediência — quando muito a escolheu —, voltou aos princípios do Evangelho mesmo ao preço de confrontar-se com a hierarquia.

Clara tem coragem, mas não é uma exceção. Muitas santas mostram em sua vida e em sua fé uma audácia insuspeitada em mulheres jovens e humildes, em monjas muitas vezes de origem social modesta. Exemplo disso é Joana d’Arc, a moça guerreira que soube ir além do destino reservado a uma mulher, capaz de exercitar sua liberdade em grandes empreendimentos e de vivê-la de modo tão extremo a ponto de entrar, filha da Igreja, na mitologia de toda

uma nação. Bakhita, a santa africana cuja coragem na escravidão tem algo de sobrenatural, é igualmente exemplo de extraordinária ousadia; ou Rosa, que ninguém conseguiu deter em sua pregação pelas ruas de Viterbo contra o imperador e o desvio herético.

Por fim, é peculiar a muitas dessas figuras a autonomia, a menos reconhecida das qualidades da santidade feminina, que, no entanto, numa leitura da vida delas não condicionada pelo preconceito, aparece forte e indiscutível. A fé que elas vivem não se ajusta mecanicamente aos modelos dominantes, muito menos quando estes se identificam com o poder. As santas permanecem estranhas a ele; sua fé é quase sempre fundada sobre um distanciamento; a compreensão jamais é desligada da inteligência e da crítica. Santa Catarina ajuda a Igreja, mas compreende plenamente os erros desta e os condena. Quer tornar-se “outro Cristo através da união com ele no Amor”.

Com frequência, por fim, foi elogiada a humildade dessas mulheres que se tornaram santas. Contudo, não se realçou que não temeram o escândalo que, a miúdo, a santidade delas provocou. E não se deu o devido relevo ao fato de que muitas foram precursoras: Martinha praticou a acolhida cristã antes de Francisco. De igual modo, não foi valorizado completamente o extraordinário poder espiritual que exerceram sobre quem nelas acreditou. Rita tem tal poder a ponto de tornar-se “santa das causas impossíveis”. Ela tem poder também onde tudo falha.

Coragem, liberdade, autonomia são virtudes modernas que as mulheres de hoje buscam praticar em uma síntese difícil, mas não impossível, como o amor, o cuidado, a alegria de serem elas mesmas. Não admira que, nestes últimos anos, as biografias, os ro-

mances e até mesmo os livros infantis a respeito das histórias das santas tenham retornado às estantes das livrarias; que um mundo intelectual católico e leigo as tenha redescoberto e, acima de tudo, esteja relendo a vida delas de modo diferente. Tampouco causa espanto que muitas santas tenham se tornado modelo até mesmo para os não crentes que nelas reencontram a capacidade de viver uma existência completa, livre dos pesos dos hábitos e das escravidões pessoais.

A coletânea que apresentamos neste livro assume, por fim, uma importância especial hoje, no momento em que a Igreja de Francisco pretende valorizar o papel feminino.

A Igreja é “feminina”, disse o pontífice num de seus primeiros pronunciamentos, e acrescentou que “uma Igreja sem as mulheres é como o Colégio Apostólico sem Maria”, e que o papel da mulher na Igreja “não é apenas a maternidade”. A mulher, com efeito, não é somente “a mãe de família” e não é nem mesmo “a arquiteta, a presidente da Caritas”. É aquela que ajuda a Igreja “a crescer”. Disso decorre a necessidade, muitas vezes reiterada, de prosseguir, de uma “teologia da mulher”, de uma revisitação da doutrina, da fé, da ciência de Deus à luz dos versículos do Gênesis: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27).

Se para a Igreja de Francisco Deus exprime-se também através da mulher, do seu ser, de sua identidade e de sua diversidade, a vida das santas e sua releitura adquirem novo sentido, nova relevância, nova luz. Podem ser, mais do que no passado, modelos de uma fé mansa e triunfante, que sabe ensimesmar-se com a modernidade e, ao mesmo tempo, transcendê-la e melhorá-la.